



Mortos ou presos: estudo sobre o perfil de vítimas e de autores de homicídios em Alagoas à luz da dialética *discurso x prática social*

Dead or imprisoned: study on the profile of victims and perpetrators of homicides in Alagoas in the light of dialectic *discourse x social practice*

Danilo Ferreira Ribeiro⁽¹⁾; Cristiano Cezar Gomes da Silva⁽²⁾

¹É servidor do Ministério Público da União, graduado em direito pela Universidade Regional do Cariri – URCA (Ceará), e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura da Universidade Estadual de Alagoas. E-mail: daniloferribeiro@hotmail.com;

²É professor Titular da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, membro permanente do corpo docente do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (ProDiC)/UNEAL e na Licenciatura em História Campus III. Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; E-mail: cristianocezar.pe@bol.com.br.

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 23 de novembro de 2018; Aceito em: 07 de dezembro de 2018; publicado em 15 de 12 de 2018. Copyright© Autor, 2018.

RESUMO: Este artigo é fruto pesquisas desenvolvidas para elaboração de dissertação de mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura, da Universidade Estadual de Alagoas. É apresentada aqui uma parte de um levantamento sobre a quantidade de assassinatos e de encarceramentos pelo crime de homicídio em Alagoas e na cidade de Arapiraca. Discutindo-se por que, nesses lugares, ambas as estatísticas estão acima da média nacional. Discutem-se ainda as relações entre o discurso da violência e as práticas sociais violentas, para prenunciar que há entre eles uma circularidade dialética.

PALAVRAS-CHAVE: Homicídio, Encarceramento, Discurso.

ABSTRACT: This paper is a result of a research developed to the elaboration of a master's thesis, in the Post-Graduate Program in Territorial Dynamics and Culture (Universidade Estadual de Alagoas - BR). It presents here a part of a survey on the number of murders and incarcerations for the murder of Alagoas state and the city of Arapiraca. We discuss why, in these places, both statistics are above the national average. The relations between the discourse of violence and violent social practices are also discussed, to indicate that there is a dialectical circularity between them.

KEYWORDS: Homicide, Incarceration, Speech.

INTRODUÇÃO

Este trabalho decorre de pesquisas para elaboração da dissertação de mestrado “A produção do inimigo: discurso da segurança pública e dinâmicas da criminalidade em Alagoas”, desenvolvidas no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura, da Universidade Estadual de Alagoas. O recorte dado se debruça sobre um levantamento estatístico do número de homicídios e de prisões por tal crime no Estado de Alagoas, e especificamente em Arapiraca. Observa-se, como se verá abaixo, que Alagoas apresenta proporcionalmente os maiores índices nacionais de homicídio – e em Arapiraca esse dado é ainda mais elevado. Ao mesmo tempo, o Estado e a cidade têm proporcionalmente muito mais presos por homicídio do que o resto do País.

Fazemos, então, a análise dos perfis das vítimas e dos autores dos homicídios, a fim de identificar informações sobre sexo, raça, idade, estratificação social etc.

Por fim, denuncia-se a existência de uma dialética entre discurso e prática social da violência/criminalidade, sem ser apresentada uma seção de conclusões, que são feitas parcialmente a cada tópico do artigo.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O extrato da pesquisa constante neste texto partiu da utilização de bancos de dados públicos sobre criminalidade e encarceramento no Brasil e, especificamente, em Alagoas e Arapiraca. Os documentos utilizados foram, entre outros, o *Anuário da Segurança Pública*, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, os boletins das Secretarias de Segurança Pública e Ressocialização do Estado de Alagoas, e o *Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias*, do Ministério da Justiça. Os dados foram por nós catalogados, elaborando-se uma série de planilhas e gráficos a fim de dar inteligibilidade às informações.

Após a etapa quantitativa, desenvolveu-se um trabalho qualitativo de abordagem crítica das informações através de referenciais teóricos dos campos da criminologia crítica e do discurso, como se verá abaixo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

PERFIL DE VÍTIMAS DE HOMICÍDIO EM ALAGOAS E EM ARAPIRACA

Segundo o *Anuário da Segurança Pública 2015*, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2015, p. 6), no Brasil houve, em 2014, uma média de 29,9 mortes violentas para cada 100 mil habitantes; em Alagoas esse número foi de 61,9 para cada 100 mil habitantes (ibid., p. 12) – mais que o dobro da taxa nacional. Já no *Mapa da Violência 2016*, da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (WASELFSZ, 2016, p. 20), temos que, em Alagoas, ocorreram 56,1 homicídios por arma de fogo (HAF) para cada 100 mil habitantes, no ano de 2014.

Em Arapiraca, maior cidade do interior do Estado, o número de homicídios em 2014 atingiu a impressionante marca de 72,9 para cada 100 mil habitantes; em 2015 esse número chegou a 62,1 por 100 mil habitantes; e, em 2016, mais de 70 homicídios por 100 mil habitantes, segundo dados do *Boletim Mensal da Estatística Criminal*, da Secretaria de Estado da Segurança Pública de Alagoas (ALAGOAS, 2016a, p. 7).

Vejamos, então, alguns indicadores de homicídios ocorridos em Alagoas entre janeiro e setembro de 2016, com base no *Boletim Mensal da Estatística Criminal*, (ALAGOAS, Ibid., pp. 3-4):

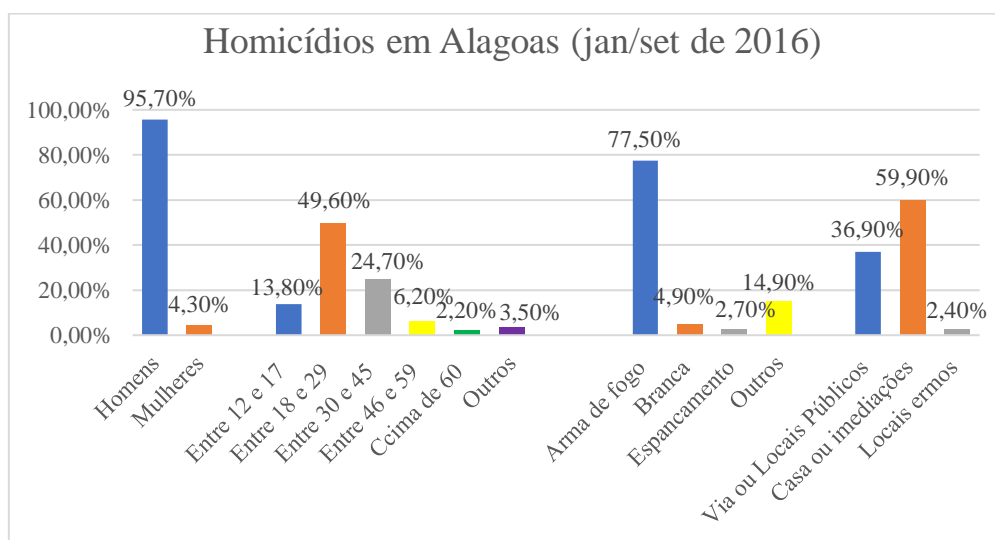


Gráfico 1

Constatação: morrem principalmente homens (97,7%), entre 18 e 45 anos (74,3%), vítimas de arma de fogo (77,5%), em casa ou nas imediações (59,9%).

Mas ainda há indicadores relevantes a se observarem. Em 2014, segundo o *Mapa da Violência 2016* (WASELFSZ, 2016, p. 56), em Alagoas, 60 homicídios por arma de fogo vitimaram pessoas brancas, enquanto 1.702 vitimaram pessoas negras¹. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), a população branca do Estado é de 986.326 e a negra é de 2.082.972. Então morreram, para cada 100 mil habitantes negros, 81,7 pessoas; já para cada 100 mil habitantes brancos, morreram 6,1 pessoas. Em percentual (tomando o ano de 2014 como referência): a possibilidade de um negro morrer vítima de arma de fogo em Alagoas é 1.343% maior que a de um branco.

Um último indicador que levamos em conta neste texto: a região da cidade em que ocorrem os homicídios. Neste caso, embora não tenhamos obtido material apto a apontar dados específicos de Arapiraca, vale mencionar um estudo em que se compilaram resultados de uma tese de doutoramento em Saúde Pública, no qual Alves (2014, p. 736) apontou que, em Maceió, entre os anos de 2007 e 2012, a maioria dos homicídios ocorreu nos bairros Trapiche (29,9%), Tabuleiro do Martins (13,8%), Benedito Bentes (7%), Jacintinho (6%), Vergel do Lago (4,5%), e Clima Bom (3,2%) – totalizando 64,4%. Todos são bairros pobres, a maioria fica na periferia da chamada “parte alta” da cidade.

Por outro lado, os bairros da Ponta Verde, Aldebaran, Pajuçara, Jatiúca e Farol sequer figuram na lista daqueles em que ocorreu grande número de homicídios. Os dados sobre homicídios neles ocorridos integram a estatística “outros” (ALVES, *ibid.*, p. 736), que, somadas aos mais de 40 bairros da cidade não citados nos dados coligidos por Alves (*op.cit.*), constituem o local de 28,5% dos homicídios ocorridos no período entre 2007 e 2012. Ponta Verde, Aldebaran, Pajuçara, Jatiúca e Farol, conforme o *Atlas do Desenvolvimento Humano nas Regiões Metropolitanas Brasileiras* (IPEA, 2015, L p. 48), têm Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) superior a 0,9 (índice que se aproxima a países de alto padrão de vida, como Noruega²).

Então, aproximando os dados gerais de Alagoas com os de Maceió e os de Arapiraca, podemos enunciar um princípio de generalização, e acrescentar à constatação acima enunciada que as vítimas dos homicídios em Alagoas – além de serem massivamente homens, entre 18 e 45 anos, vítimas de arma de fogo, mortos em casa ou nas imediações – são negras e de bairros periféricos.

¹Conforme consta no *Mapa da violência 2016* (WASELFSZ, 2016, p. 54): “Com base em pesquisas recentes, inclusive do próprio IBGE, nas análises a seguir utilizaremos a categoria Negro, resultante do somatório de Pretos e Pardos.”

²Segundo reportagem do *site Tudo na Hora*: “Ponta Verde é ‘Noruega’ e grotas do Benedito ‘Angola’ no Índice de Desenvolvimento Humano.” (PONTA..., 2015)

Resta buscar, então, quem seria e qual o perfil dos autores dos homicídios.

PERFIL DAS PESSOAS PRESAS EM ALAGOAS E EM ARAPIRACA

Página | 893

Neste ponto, destacamos duas informações do *Anuário da Segurança Pública* (2015, pp. 28-32) sobre Alagoas no ano de 2014: a) 77 pessoas foram mortas por policiais (70 por policiais em serviço e 7 fora), equivalendo a 3,5%³ das mortes violentas ocorridas; b) 767 mortes ficaram pendentes de esclarecimento (37% de todas as mortes violentas intencionais).

Assim, do total de mortes violentas intencionais ocorridas em 2014, excetuadas as decorrentes de intervenção policial e as que ficaram pendentes de esclarecimento, restaram 59,2% de homicídios dos quais, em tese, a autoria seria sabida e que não decorreram de ação policial.

No entanto, não constam dados sobre o perfil dos executores dessas 59,2% mortes nem no *Mapa da Violência* nem no *Anuário da Segurança Pública*, nem em outro documento que já mencionamos ou que consultamos. É uma informação que precisa ser elaborada, e temos um caminho para identificar um perfil dos autores dos homicídios: a análise do sistema prisional alagoano (inclusive em Arapiraca).

Quanto à população carcerária do Estado, segundo *Mapa Carcerário da Secretaria de Estado de Ressocialização de Inclusão Social* de Alagoas (ALAGOAS, 2016b, p.3), há 6.914 pessoas presas (incluindo as que estão em regimes semiaberto e aberto, sendo 4.646 encarceradas⁴). Em números relativos, a população carcerária alagoana é de 209,5 prisioneiros para cada 100 mil habitantes (inferior à média nacional – que é de 299,7).

A população carcerária de Alagoas excede em 45,5% o número de vagas do sistema prisional, e, entre 2004 e 2014, cresceu 117%, segundo o Departamento Penitenciário Nacional (MOURA; RIBEIRO, 2014, p.19). Paradigmaticamente, o crescimento do número de homicídios no Estado foi exatamente 117% entre 2002 e 2012 (NASCIMENTO; GAUDÊNCIO, 2013, p.115).

³Trata-se da segunda causa de mortes violentas intencionais com mais vítimas em Alagoas, em 2014, inclusive mais do que latrocínio e lesão corporal seguida de morte.

⁴Esse total advém da soma entre o número de pessoas recolhidas em penitenciárias, condenadas ou provisoriamente (4.112) e em delegacias (534), segundo a SERIS (2016, p.3)

No Presídio do Agreste, localizado na Região Metropolitana de Arapiraca (ao qual nos referimos também como presídio de Arapiraca, embora situado em Girau do Ponciano/AL), há – segundo a estatística mais recente (SERIS-AL, p.1) – 853 pessoas encarceradas. São 85 (11,1%) presos a mais do que o limite (768), havendo superlotação mesmo se tratando de um estabelecimento novo, inaugurado em 2013.

Quanto aos crimes sobre os quais há maior incidência de implicados na população carcerária, o *Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias* (MOURA; RIBEIRO, 2014, p.68-75), aponta que a massa do sistema carcerário brasileiro é composta por implicados em crimes da Lei de Drogas (27% da população carcerária) e crimes contra o patrimônio (roubo 21%; furto 11%; receptação 3% - totalizando 35%). O crime de homicídio totaliza 14% da população carcerária nacional.

Em Alagoas, no entanto, o homicídio totaliza 26,1% da população presa (MOURA; RIBEIRO, 2014, p.69). Nenhum outro grupo de tipificação penal supera este percentual (furto tem 8,2% dos detentos; roubo 19%; tráfico de drogas 18,8%). No país, no período pesquisado, apenas em Alagoas e no Amapá o homicídio era o crime com maior número de incidência no sistema prisional.

Observando a base de dados constante em planilha fornecida também pelo DEPEN (BRASIL, 2014), no presídio de Arapiraca, observa-se que, dos 743 presos da época da publicação, havia 195 implicados em homicídios (26,2%); 260 implicados em crimes contra o patrimônio (4,2% em furtos; 27,7% em roubos; 3% em receptação); e outros 132 presos por crimes da Lei de Drogas (17,8%), entre outros.

Portanto, no Presídio do Agreste, há praticamente equivalência entre o número de presos por roubo e por homicídios, diferente da estatística geral de Alagoas, em que há mais encarcerados implicados em crimes de homicídio do que por roubo. No entanto, em Arapiraca e no resto de Alagoas, o percentual de presos implicados em homicídios é superior a 10% da média nacional: no Brasil, 14% da população carcerária é implicada em homicídio; em Alagoas 27,2%; em Arapiraca 26,2%.

Ante o perfil do sistema prisional do Estado, se, em Alagoas e em Arapiraca, os indicadores apontam que o número de mortes violentas intencionais e o de aprisionamentos por homicídios é superior ao resto do país, temos um indício de que os executores (ou grande parte deles) dos 59,2% dos homicídios aos quais nos referimos como desconhecida a autoria estão no sistema prisional. Dessa forma, a análise do perfil

da população carcerária é apta a apontar genericamente as características de quem pratica os homicídios ocorridos em Alagoas e em Arapiraca.

Observemos então os indicadores sociais das pessoas aprisionadas. na citada planilha anexa ao *Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias* (BRASIL, 2014), quanto à população carcerária alagoana e em Arapiraca, temos: a) quanto ao sexo, em Alagoas 92,3% da população carcerária é constituída por homens; em Arapiraca o presídio tem vagas apenas para homens (100%); b) quanto a faixa de idade, em Alagoas 75,7% dos presos tem entre 18 e 34 anos; em Arapiraca 82,4%; c) quanto à raça, em Alagoas há 22,2% de brancos e 73,4% de negros (pretos e pardos, seguindo o critério citado na *nota de rodapé 4*); em Arapiraca há 24,0% de brancos e 53,1% de negros (não há tal informação para 21,5% do presos); d) Quanto à instrução formal, em Alagoas 29,7% são analfabetos ou nunca tiveram qualquer instrução formal, 39,5% tem ensino fundamental incompleto, 6,0% fundamental completo, 6,0% médio incompleto, 4,3% médio completo; em Arapiraca 25,2% são analfabetos ou nunca tiveram qualquer instrução formal, 42,3% tem ensino fundamental incompleto, 2,2% fundamental completo, 5,4% médio incompleto, 4,3% médio completo. Não temos ainda dados quanto às cidades ou bairros de origem dos detentos.

Assim, novamente lançando mão de um princípio de generalização, constatamos: a população carcerária (tanto de Alagoas em geral como de Arapiraca) é constituída por um alto número de condenados ou acusados de homicídio (cerca de 10% acima da média nacional), e essa massa de presos é formada principalmente por homens, negros, com baixa ou nenhuma escolaridade.

CIRCULARIDADE ENTRE DISCURSOS E PRÁTICAS DA VIOLÊNCIA

Apresentando resultados de uma pesquisa sobre padrões de homicídio em Alagoas, Nascimento e Gaudêncio (2013, p.111) ponderaram que:

Além de toda a sensação de insegurança que toma a sociedade civil e a mídia, e de todo o terror social que pode daí emergir, há um tipo de indicador deveras concreto, adequado [...] para avaliar a dimensão dessa violência urbana: o crime de homicídio.

O trecho indica a problemática da violência/criminalidade situada na dialética *discurso X prática sociais*: o “terror social” emergiria da “sensação de insegurança” (não da insegurança propriamente dita); e o “crime de homicídio” seria o “indicador deveras concreto” que suspenderia o debate entre “sensação de insegurança” e “terror social”. A questão que subjaz a observação dos autores é: *temos o problema da sensação de insegurança divulgada massivamente na mídia; mas temos algo mais relevante: os corpos mortos como decorrência real de homicídios; e este já é outro problema, talvez o verdadeiramente relevante*. Vale advertir que os autores não enfrentaram a questão sob a ótica do discurso, mas sim de propostas para política de segurança pública.

Nós, por outro lado, entendemos que há uma circularidade entre os discursos e as práticas sociais da violência/criminalidade, entendido o discurso como possuidor de materialidade própria (ORLANDI, 2005, p.12). A problemática dos homicídios é constituída *por* (e constitutiva *de*) discursos, e bem ainda *por/de* discursos de imunização dos fatores que acarretam a violência em nome de preservação de um “grau zero de não violência” (ŽIŽEK, 2014, p.17).

Segundo a hipótese que decorre dos dados acima expostos, a explosão homicida em Alagoas atingiria regularmente apenas jovens homens negros da periferia, que são vitimados por outros jovens homens negros da periferia. E nessa dinâmica, grande parte deste setor social é interdita ora pela morte prematura ora pelo encarceramento. Assim, *a priori*, apenas uma certa parcela da sociedade – com sexo, raça, idade e endereço definíveis – poderia temer ser vítima de homicídios ou de repressão criminal. O assassinato de pessoas fora dessa estratificação, principalmente brancas, letradas, residentes em bairros médios ou elitizados é um fato eventual, e a esta parcela a violência/criminalidade, em tese, poderia preocupar menos.

No entanto, “o terror social” provocado pela “sensação de insegurança” toma “toda a sociedade civil e a mídia” (NASCIMENTO; GAUDÊNCIO, 2013, p.111) – e aqui se incluem os setores sociais que não são regularmente vitimados por homicídios/aprisionamentos. E o enunciado da “sensação de insegurança” transcende o *status* de dado acessório em relação às mortes propriamente ditas, e assume lugar destacado no amálgama discursivo que institui mais violência. A fórmula que surge nesse panorama é da demanda punitiva como resposta prática a ser dada à violência. Dizendo de outro modo: o assassinato de jovens homens negros da periferia por jovens homens negros da periferia é o substrato instituidor da necessidade de encarcerar jovens homens

negros da periferia e é ainda o fundamento da aceitação parcimoniosa do aniquilamento de jovens homens negros da periferia; trata-se de vítimas elevadas à potência exponencial.

Um exemplo: em 2014, em Arapiraca, houve um ato público intitulado "Basta de Violência - Arapiraca Segura", convocado através de redes sociais, *blogs* etc. O ato, organizado pela internet "teve início de maneira espontânea, devido ao estafó de indignação pelo descaso à segurança pública" (CUSTÓDIO, 2014). Salvo o fato de ser possível ainda ver nas ruas da cidade uma ou outra pessoa usando a camisa envelhecida que se distribuiu em tal mobilização (estampada com marca de digitais e sangue), não há mais *site* nem perfis em redes sociais; não se localizou qualquer encaminhamento prático do evento. O que houve de revelador nesse *movimento* foi o discurso que ele enunciou. É justamente este discurso o que há de efetivo, o que há de instituidor no evento.

O movimento foi narrado por nota publicada no *site* oficial do Tribunal Regional do Trabalho de Alagoas (TRT-AL) como "caminhada pela paz, que teve o objetivo de chamar a atenção das autoridades para o alto índice de violência no município e dar um basta no descaso à segurança pública" (VARA..., 2014.) No *site* Gazeta de Alagoas (maior grupo de comunicação do Estado), foi publicado que os participantes do evento "utilizaram balões brancos representando a paz, e pediram ação do Estado no que se refere ao combate à criminalidade. [Um entrevistado] considerou a necessidade de atuação mais ágil e efetiva da Justiça no combate à violência no município." (AMORIM, 2014).

Nas transcrições, vê-se elementos que integram uma regularidade enunciativa tradicional sobre a violência, que fala de "descaso à segurança", "elevado número de assaltos e homicídios", "necessidade de atuação ágil e efetiva da Justiça". A imagem utilizada pelo *movimento* também não foge deste campo regular, e estampa marcas de impressão digital e sangue. E a difusão das mensagens também pelo *site* do TRT-AL (que não tem nada a ver com a questão criminal!) outorgou oficialidade ao discurso. Mencione-se ainda a caricata *representação pacificadora* constante na passagem "utilizaram balões brancos representando a paz".

CONCLUSÃO

Pelos dados no primeiro tópico da seção anterior, está constatado que há uma regularidade ambivalente na questão das altas taxas homicidas em Alagoas e em Arapiraca, a qual nós chamamos anteriormente de princípios de generalização: a um só tempo as vítimas e os autores dos homicídios são massivamente homens, negros, de bairros periféricos, entre 18 e 45 anos, mortos em casa ou nas imediações.

Sobre esse dado concreto, se ergue uma estrutura de discurso que reconstrói a dinâmica, dentro de uma formação discursiva da violência/criminalidade. Essa formação discursiva reestrutura os fatos e se torna ela um fato mesmo, de modo que as impressões gerais sobre a criminalidade dão lugar a construções simbólicas amplas.

Observamos, porém, que, em diversas instâncias, a formação discursiva abordada tem uma unidade só observável em termos de dispersão, para ficar com a lição de Foucault (2008, p.43): “No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão [...], diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*.”

Constatada a existência de uma elaboração de discurso regular, no âmbito da qual, “numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão [...] etc.)”, para dialogar com o conceito canônico de Pêcheux (1995, p. 160), resta-nos observar por que e por quem *podem e devem ser ditos* tais ou quais enunciados relativamente à violência/criminalidade.

REFERÊNCIAS

1. ALAGOAS. Secretaria de Estado da Segurança Pública de Alagoas (SSP-AL). Estado de Alagoas. **Boletim Mensal de Estatística Criminal**, set. 2016. Disponível em: <http://seguranca.al.gov.br/wp-content/uploads/arquivos/48_arquivos.pdf>. Acesso em 18/10/2016.
2. ALAGOAS. Secretaria de Estado de Ressocialização de Inclusão Social (SERIS-AL). Estado de Alagoas. **Mapa Carcerário de Alagoas**, set. 2016. Disponível

- em: <<http://www.seris.al.gov.br/populacao-carceraria/mapa-15-23.09.2016-a-25.09.2016.pdf>>. Acesso em 14/10/2016.
3. ALVES, Waneska *et al.* Violência letal em Maceió-AL: estudo descritivo sobre homicídios, 2007-2012. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**: revista do Sistema Único de Saúde do Brasil, Brasília, v. 23, n.4, pp. 731-740, out-dez 2014.
 4. AMORIM, Marcelo. População vai às ruas contra a violência. **Gazetaweb**, mai. 2014. Disponível em:
<<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=240103>>. Acesso em: 15/10/2016.
 5. BRASIL. Ministério da Justiça. DEPARTAMENTO Penitenciário Nacional (DEPEN). **Base de dados do sistema de informações estatísticas do Sistema Penitenciário Brasileiro**, jun. 2014. Planilha Excel. Disponível em:
<<http://www.justica.gov.br/seus-direitos/politica-penal/transparencia-institucional/estatisticas-prisional/base-de-dados-infopen.xlsx>>. Acesso em 01/10/2016.
 6. CUSTÓDIO, Adalbert. Assustados com a onda de violência, arapiraquenses organizam Caminhada pela Paz. **Minuto Arapiraca**, Arapiraca, 18 mai. 2014. Disponível em:
<<http://minutoarapiraca.cadaminuto.com.br/noticia/13655/2014/05/18/assustados-com-a-onda-de-violencia-arapiraquenses-organizam-caminhada-pela-paz>>. Acesso em: 15/10/2016.
 7. FÓRUM Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário brasileiro de segurança pública 2015**, 16 out. 2015. Disponível em:
<<http://www.forumseguranca.org.br/produtos/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/9o-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica>>. Acesso em: 15/10/2016.
 8. FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
 9. INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Resultados Preliminares do Universo do Censo Demográfico 2010**. Tabela 4 - População residente, por situação do domicílio e cor ou raça. Disponível em:
<ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/resultados_preliminares/Tabela4.zip>. Acesso em 21/10/2016.

10. INSTITUTO de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) *et al.* **Atlas do Desenvolvimento Humano nas Regiões Metropolitanas Brasileiras:** Baixada Santista, Campinas, Maceió e Vale do Paraíba. Brasília: PNUD, Ipea, FJP, 2015.
11. MOURA, Tatiana W. de; RIBEIRO, Natália C. T (Org.). **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – INFOPEN.** Brasília, DF: Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), jun. 2014. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/seus-direitos/politica-penal/relatorio-depen-versao-web.pdf>>. Acesso em 01 out. 2016.
12. NASCIMENTO, E. O.; GAUDENCIO, Júlio Cezar. Homicídios em Alagoas: desafios e evidências empíricas. **Latitude**, v. 7, p. 109-132, 2013.
13. ORLANDI, Eni. Michel Pêcheux e a Análise do Discurso. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, n. 1, p. 9-13, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/4/3>>. Acesso em: 14/08/2016.
14. PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. 4^a Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
15. PONTA Verde é “Noruega” e grotas do Benedito “Angola” no Índice de Desenvolvimento Humano. **Portal Tudo na Hora**, 21 out. 2015. Disponível em:<<http://agenda.tnh1.com.br/negocios/economia/3979/2015/07/02/ponta-verde-e-noruega-e-grotas-do-benedito-angola-no-ndice-de-desenvolvimento-humano>>. Acesso em 18/10/2016.
16. VARA do Trabalho de Arapiraca participa do movimento Basta de Violência. **Tribunal Regional do Trabalho de Alagoas**, mai. 2014. Disponível em: <http://www.trt19.jus.br/misc/pdfs/movimento_basta_violencia.pdf>. Acesso em 15/10/2016.
17. WASELFSZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2016:** homicídios por armas de fogo no Brasil. FLACSO Brasil, 2016. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2016_armas.php>. Acesso em 02/10/2016.
18. ŽIŽEK, Slavoj. **Violência:** seis reflexões laterais. Trad. Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014. *E-book*.